

MERLEAU-PONTY E RICŒUR: O CORPO COMO OBRA DE ARTE É UMA METÁFORA VIVA

Moaldecir Freire Domingos Junior¹

moalufnr@yahoo.com.br

Terezinha Petrucia da Nóbrega²

pnobrega@ufrnet.br

¹Escola Agrícola de Jundiaí (EAJ/UFRN)

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RESUMO

Partimos da reflexão: o corpo pode ser comparado a uma obra de arte, como metáfora viva. Assim, nosso objetivo é compreender a tese de Merleau-Ponty do corpo como obra de arte e da concepção de metáfora viva, na perspectiva de Ricœur. Para tanto, nos inspiramos na fenomenologia hermenêutica para efetuar uma interpretação do livro *Fenomenologia da Percepção*, parte I – O corpo e o oitavo estudo do livro *A metáfora viva* de Ricœur intitulado *Metáfora* e o discurso filosófico. A obra de arte está colocada como campo de possibilidades para a vivência do sensível fundada no movimento.

PALAVRAS-CHAVE

Corpo; Obra de Arte; Metáfora Viva.

INTRODUÇÃO

A questão impulsionadora do evento, "O que pode o corpo no contexto atual?", inspirada no filósofo holandês Espinosa (1632-1677), nos leva a seguinte reflexão: o corpo pode ser comparado a uma obra de arte (MERLEAU-PONTY, 2006), como metáfora viva (RICŒUR, 2005). Conforme Ferreira (2018), a pergunta pelo que pode um corpo é colocada em relação à natureza do corpo, isto é, à matéria e sua constituição.

Assim, inspirando-se nessa questão de Espinosa, nosso estudo configura-se como uma reflexão epistemológica por apresentar uma aproximação entre teorias, a saber, a concepção de corpo em Merleau-Ponty (2006) e a concepção de metáfora viva em Ricœur (2005), atravessada pela questão do Espinosa sobre o que pode o corpo.

É preciso esclarecer nosso entendimento sobre epistemologia. Conforme Nóbrega (2006), em seu texto sobre *Corpo e epistemologia*, pensar o conhecimento da Educação Física é pensar também as perspectivas teóricas que têm fundamentado as práticas de intervenção desta área. Dentre as diferentes problemáticas colocadas hoje, no campo da Educação Física, a autora destaca as reflexões sobre o corpo. Com isso, problematizar sobre o corpo pode apresentar indicadores para a configuração epistemológica da Educação Física, haja vista a existência de um número significativo de pesquisas que enfocam questões relativas ao corpo. (NÓBREGA, 2006).

Assim, esse estudo tem como objetivo compreender a tese de Maurice Merleau-Ponty do corpo como obra de arte e da concepção de metáfora viva, na perspectiva de Paul Ricœur. Para tanto, como



metodologia, nos inspiramos na fenomenologia hermenêutica para efetuar uma interpretação do livro Fenomenologia da Percepção, parte I – O corpo e o oitavo estudo do livro A metáfora viva de Paul Ricœur intitulado Metáfora e o discurso filosófico.

O processo de interpretação na perspectiva fenomenológica parte da dialética entre explicação e compreensão do texto. Segundo Ricœur (2008), uma nova época da hermenêutica está aberta para o sucesso da análise estrutural. Doravante, a explicação é o caminho obrigatório da compreensão. Isto não quer dizer que a explicação possa, em contrapartida, eliminar a compreensão. A objetivação do discurso, numa obra estruturada, não suprime o traço fundamental e primeiro do discurso, a saber, que o é constituído por um conjunto de frases onde alguém diz algo a alguém a propósito de alguma coisa. A hermenêutica permanece a arte de discernir o discurso na obra. Mas este discurso não se dá alhures: ele se verifica nas estruturas da obra e por elas. O que deve ser interpretado, num texto, é uma proposição de mundo, de um mundo tal como podemos habitá-lo para nele projetar um de nossos possíveis mais próprios.

O CORPO COMO OBRA DE ARTE

Merleau-Ponty nos ensina que o corpo é um dos primeiros temas do surgimento da ciência clássica (Século XVI e XVII) que o trata como objeto para poder estudá-lo. Em outras palavras, é o corpo enquanto objeto que permite que a ciência pense sobre o que é a própria ideia de *objeto* – algo que existe *partes extra partes* e que apenas admite entre as suas partes e entre si mesmo e os outros objetos relações mecânicas. Entre as primeiras ciências está a fisiologia, a qual Merleau-Ponty tece suas considerações sobre a fisiologia clássica e de sua época (início do século XX).

Essa noção de corpo-máquina diz respeito às ideias do filósofo francês René Descartes sobre o funcionamento do corpo. Para ele, o corpo está sujeito às leis do universo, por isso a sua fisiologia segue os mesmos princípios da Mecânica, sendo um constante movimento das partes do corpo. Essa matéria inerte funciona como um autômato, as funções seguem a disposição dos seus órgãos, sem nenhum aspecto ligado à alma (NÓBREGA, 2005).

A ideia de um corpo-objeto não é tributária somente a Descartes. Gleyse (1997), ao realizar uma arqueologia sobre a racionalização instrumental do corpo, nos apresenta a anatomia de André Vésale e de William Harvey, a medicina de Johan Borelli e de Nicolas Andry, o próprio Descartes, entre outros, como artesões do corpo e responsáveis pela objetivação do corpo. Esse momento teve uma característica importante sobre o estudo corpo nessa época clássica. O que Gleyse (1997) diz sobre Harvey situa as modificações do pensamento da época: Ele [Harvey] fez nascer uma fisiologia e uma anatomia onde o sujeito desapareceu e onde o corpo tornou-se objeto de conhecimento e de manipulação, onde o corpo tornou-se uma mecânica formalizada e produto para o homem, logo, rompendo com as concepções teológicas (GLEYSE, 1997)

Na Parte I, Merleau-Ponty (2006) defende uma concepção de percepção como acontecimento da existência e o corpo como obra de arte, buscando superar as antinomias corpo/mente, cultura/natureza, perceptível/inteligível. A percepção não é apenas um processo fisiológico dos sistemas aferentes e eferentes, mas uma atitude do corpo em sua relação primordial com o mundo, efetuada a partir de um determinado contexto com uma significação própria. Tampouco o corpo é um objeto, para Merleau-Ponty (2006) o corpo deve ser comparado à obra de arte, dada sua abertura de interpretações, sua inexistência, seu inacabamento e sempre em movimento. Ser corpo é ser sexuado, expressivo e “capaz de”, isto é, o tema do “eu posso” que captou a admiração de Ricœur. Em Merleau-Ponty, o corpo como obra de arte é formulado da seguinte maneira:



Um romance, um poema, um quadro, uma peça musical são indivíduos, quer dizer, seres em que não se pode distinguir a expressão do expresso, cujo sentido só é acessível por um contato direto, e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial. É nesse sentido que nosso corpo é comparável à obra de arte. Ele é um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de termos co-variantes (MERLEAU-PONTY, 2006, p.209-210).

FILOSOFIA E METÁFORA VIVA

A metáfora viva é um livro de Paul Ricoeur publicado em 1975 e de acordo com ele foi escrito ao mesmo tempo em que escrevia Tempo e Narrativa. Na empreitada sobre a metáfora, ele afirma que essa obra foi conduzida a seu tema mais importante, a saber, que a metáfora é o processo retórico pelo qual o discurso libera o poder que algumas ficções têm de redescrever a realidade. Ligando dessa maneira ficção e redescrição, Ricoeur (2005) restituiu sua plenitude de sentido à descoberta de Aristóteles, na Poética, de que a *poïeses* da linguagem procede da conexão entre *mythos* e *mimesis*.

Continua Ricoeur (2005), dessa conjunção entre ficção e redescrição conclui-se que o “lugar” da metáfora, seu lugar mais íntimo e mais último, não é nem o nome, nem a frase, nem mesmo o discurso, mas cópula do verbo ser. O “é” metafórico significa a um só tempo “não é” e “é como”. Se assim é, somos levados a falar da verdade metafórica, mas em um sentido igualmente “tensional” da palavra “verdade”.

Assim, no oitavo estudo do livro em questão, intitulado Metáfora e discurso filosófico, Ricoeur (2005) tem por objetivo explorar os confins filosóficos de uma investigação cujo centro de gravidade deslocou-se ao passar para o plano da hermenêutica, da retórica à semântica e dos problemas de sentido para os de referência. Refletir sobre metáfora e filosofia faz mais que reverter a ordem de prioridade entre metáfora e filosofia, ela reverte a maneira de argumentar em filosofia.

Nesse sentido, Ricoeur diferencia as metáforas mortas das metáforas vivas. As primeiras são submetidas à usura do tempo e frequentemente recaem no senso comum. São nesse momento metáforas mortas, assimiladas, absorvidas plenamente pela linguagem, que lhes esqueceu o aspecto metafórico. Porém, quando o poeta proclama que o tempo é um mendigo ou que a velhice é um fio de palha, surgem outros significados e um mundo novo parece revelar-se ao leitor diante de tais metáforas, que se podem qualificar como vivas, por sua capacidade de sacudir as convenções da linguagem e renovar a percepção (DOSSE, 2017).

Para Ricoeur (2005) a metáfora não é viva apenas por vivificar uma linguagem constituída. Ela o é por inscrever o impulso da imaginação em um “pensar a mais” no nível do conceito. Essa luta para “pensar a mais”, sob a condução do “princípio vivificante”, é a “alma” da interpretação. Com um vínculo ao estudo de Frege sobre sentido e referência, Ricoeur (2005) estabelece que a metáfora viva é aquela que propicia uma mudança na forma como vemos o mundo, nossa inerência em outro projeto de mundo.

Assim, a relação entre filosofia e metáfora viva é uma possibilidade porque as metáforas do filósofo podem assemelhar-se às do poeta, pelo fato de operarem, como estas últimas, um desvio em relação mundo dos objetos e da linguagem ordinária, mas não se confundem com as metáforas do poeta (RICOEUR, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da compreensão de metáfora viva em Ricoeur (2005), afirmamos que o corpo como obra de arte em Merleau-Ponty (2006) é uma metáfora viva. É preciso considerar o corpo como objeto físico como uma metáfora morta, e o corpo como obra de arte como ponto de partida para pensar questões filosóficas, científicas, políticas, artísticas e educacionais.

Essa afirmação abre outras possibilidades para discutir o que pode o corpo no contexto atual. Qual é o contexto atual? O sociólogo Jessé Souza afirma que estamos vivendo um momento de intensa transformação do capitalismo e este não pode ser compreendido apenas por sua dimensão econômica,



enquanto fluxo de capital e troca de mercadorias, mas também como uma dimensão simbólica, moral e cultural comum. A novidade da estratégia de poder do capitalismo financeiro é que ela se vende como promotora da liberdade e da realização pessoal. A colonização de todo o vocabulário expressivista e da ética da autenticidade individual, anulando a sua dimensão ética e finalista em favor de resultados pragmáticos e instrumentais, serve precisamente a esse fim. O mecanismo de poder mais eficiente é o que se vende como favorável à liberdade individual (SOUZA, 2018).

Por fim, é preciso diferenciar que o corpo como obra de arte não busca essa alienação do capitalismo financeiro que devasta nossas questões políticas, antes disso, Nóbrega (2000) nos ensina que a metáfora da obra de arte diz respeito à configuração plástica, móvel e poética do corpo, realça a procura por novas formas de compreender o mundo. A obra de arte está colocada como campo de possibilidades para a vivência do sensível fundada no movimento.

MERLEAU-PONTY AND RICŒUR: THE BODY AS WORK OF ART IS A LIVE METAPHOR

ABSTRACT

We start from reflection: the body can be compared to a work of art, as a living metaphor. Thus, our aim is to understand Merleau-Ponty's thesis of the body as a work of art and the conception of living metaphor, from Ricœur's perspective. To that end, we are inspired by hermeneutic phenomenology to perform an interpretation of the book Phenomenology of Perception, part I - The Body and the eighth study of Ricœur's book The Living Metaphor entitled Metaphor and Philosophical Discourse. The work of art is placed as a field of possibilities for the experience of the sensible founded on the movement.

KEYWORDS: *Body; Work of Art; Living Metaphor.*

MERLEAU-PONTY Y RICŒUR: EL CUERPO COMO OBRA DE ARTE ES UNA METÁFORA VIVA

RESUMEN

Partimos de la reflexión: el cuerpo puede ser comparado a una obra de arte, como metáfora viva. Así, nuestro objetivo es comprender la tesis de Merleau-Ponty del cuerpo como obra de arte y de la concepción de metáfora viva, en la perspectiva de Ricœur. Para ello, nos inspiramos en la fenomenología hermenéutica para efectuar una interpretación del libro Fenomenología de la Percepción, parte I - El cuerpo y el octavo estudio del libro La metáfora viva de Ricœur intitulado Metáfora y el discurso filosófico. La obra de arte está colocada como campo de posibilidades para la vivencia de lo sensible fundada en el movimiento.

PALABRAS CLAVES: *Cuerpo; Obra de Arte; Metáfora Viva.*

REFERÊNCIAS

DOSSE, F. *Paul Ricœur: um filósofo em seu século*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

FERREIRA, G. G. Matéria e movimento em Espinosa: o que pode um corpo e algumas questões para a contemporaneidade. *Modernos & Contemporâneos*, Campinas, v. 2, n. 4., jul./dez., 2018.

GLEYSE, J. *L'instrumentalisation du corps: uma archeology de la rationalization instrumentale du corps, de l'Âge classique à l'époque hypermoderne*. Paris: Éditions L'Harmattan, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.



- NÓBREGA, T. P. Corpo e epistemologia. IN: NÓBREGA, T. P. da (Org.). *Epistemologia, saberes e práticas da educação física*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2006.
- _____. *Corporeidade e Educação Física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito*. 2ª Ed. Natal: EDUFRN, 2005.
- _____. Merleau-Ponty: o corpo como obra de arte. *Princípios*, Natal, v. 7, n.8, p. 95-108, jan./dez., 2000.
- RICCEUR, P. *Hermenêutica e ideologias*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. *A metáfora viva*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- SOUZA, J. *A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

